



FILOSOFIA: EDUCAÇÃO, BIOÉTICA E RELIGIÃO – UMA HOMENAGEM AO PROF. DR. NEWTON AQUILES VON ZUBEN

10.62506/phs.v6i33.327

Introdução

Com alegria e satisfação vislumbramos o legado e acadêmico deixado pelo professor doutor Newton Aquiles von Zuben, que fez sua *peshah* no dia 22/11/2024, durante uma cirurgia cardíaca, à qual foi submetido no Centro Médico de Campinas (SP). Trata-se de olhar para a vida de um *Homo magnificus* que, com o seu arcabouço filosófico, inseriu-se na Universidade e formou pessoas diversas, enviando-as para o mundo a fim de que também frutifiquem a ciência e a sabedoria. Ao ter combatido o bom combate da *sapientia*, Aquiles – assim carinhosamente queremos chama-lo – e terminando a sua corrida, pretendemos homenageá-lo, rememorando a nosso modo – até porque não ousaremos reproduzir o seu conhecimento científico –, efetivando uma hermenêutica de modo transversal para que apontemos o legado filosófico na tripartição educação, bioética e religião. Ou até mesmo por se tratar de uma de uma homenagem ao referido sempre docente já “pascalizado”, podemos pensar as três dimensões na única vertente da filosofia. E por quê? Porque à própria pergunta sobre a identidade epistemológica da filosofia, Martin Heidegger respondia: a filosofia é o filosofar (Heidegger, 2008). E o filosofar é o pensar meditado, que ultrapassa a racionalidade calculadora da ciência moderna e propicia a elevação do próprio pensamento (Heidegger, 2005). E é o filosofar concebido então filosoficamente que norteia vida de nosso homenageado, sempre estimado em sua intelectualidade e querido afetivamente por quem conviveu com ele. A despeito de ele ter-se afastado das salas de aulas, em 2022, o seu nome frequentemente tem sido recordado, seja nas posições filosóficas e científicas, seja nas expressões afetivas.

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves ¹
Renato Kirchner ²

1. Notas Biográficas

Newton Aquiles von Zuben nasceu aos 22/06/1942, em Jundiaí (SP), filho de José von Zuben – que ficou conhecido como Vô Bepo – e Maria do Carmo Ricci von Zuben – chamada pelos netos de Vô Carolina – que era irmã do “Tio padre”, o Monsenhor Arthur Ricci, considerado um dos protagonistas para a criação da Diocese de Jundiaí em 1966. Antes disso, porém, há um elo importante na história dele: a Vô Carolina, mãe do Vô Bepo, foi quem o criou até seus 10 anos, período que antecedeu sua ida ao seminário. Segundo narrativa de membros da família, desde criança, Aquiles já era dinâmico e possuía o desejo de voar com um guarda-chuva como a Mary Popins. Ao tentar realizar esse desejo, caiu do muro e ganhou vários pinos no braço direito. Aos dez anos de idade, entrou para o seminário e tinha contato com a família somente durante as férias, cujo período era aguardado por todos, principalmente pelo próprio Aquiles, que sempre aproveitava para ir à praia, em São Sebastião, acompanhado e guiado pelo “Tio Padre”. Com o “Tio Padre”, Aquiles aprendeu a pescar e desenvolveu paixão pela pesca ao longo de sua vida. A companhia do “Tio Padre” lhe fazia tanto bem, que foi dessa relação que surgiu o incentivo e o apoio para que Aquiles fosse fazer cursos universitários na Europa. Casou-se com Célia e teve três filhos: Érika, Alexei e Larissa, formando um quinteto von Zuben de singularidade própria.

A ida para a Europa realizou-se ao ingressar no *Institut Supérieur de Philosophie de l'Université Catholique de Louvain*, Bélgica, tendo cursado o bacharelado (1960-1962), a licenciatura – que vale como mestrado no Brasil – (1963-1966) e o doutorado (1966-1970) em Filosofia. Tanto no mestrado quanto doutorado, debruçou-se para investigar sobre Martin Buber, tendo realizado uma dissertação intitulada “*Le dialogue como fondement ontologique de l'existence humaine après Martin Buber*” e a tese de doutorado denominada “*La relation chez Martin Buber*”, sempre orientado por Jacques Taminiaux (1928-2019).

Ao retornar ao Brasil, como doutor em Filosofia, ingressou na PUC-SP em 1971, no curso básico de Pós-graduação, tendo trabalhado com Joel Martins e Antonio Joaquim Severino, e ali iniciou um processo de introduzir a fenomenologia nos estudos de pós-graduação no Brasil,

¹ Doutor em Teologia pela PUG (Roma, Itália), Pós-doutor em Filosofia pela EU (Évora, Portugal) e Pós-doutor em Teologia pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil). É docente-pesquisador do corpo permanente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião e dos cursos de graduação em Teologia e em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP). E-mail: paselogo@puc-campinas.edu.br

² Doutor e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, graduado em Filosofia pela Universidade São Francisco (USF), São Paulo. Professor e pesquisador na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Diretor da Faculdade de Filosofia. Membro do corpo docente permanente da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. E-mail: renatokirchner00@gmail.com



trazendo à tona as teses fundamentais de Edmund Husserl e Martin Heidegger, destacando os conceitos de fenômeno, fenomenologia, transcendental, consciência, *noema*, *noesis*, ser no mundo, mundo da vida (Severino, 1999). Em 1974, ingressou na Universidade Estadual de Campinas, também com a companhia de Joel Martins e Joaquim Severino, além de Antônio Rezende, Regis de Moraes, Ruben Alves, Newton Balzan. Nessa Universidade, Aquiles desenvolveu a sua filosofia fenomenológica, fundada em Husserl e, ao modo próprio, em Martin Buber, filósofo judeu, que elaborou uma filosofia da alteridade para pensar as relações Eu-Tu, seja no âmbito das relações inter-humanas seja no âmbito das relações dos seres humanos com Deus. Nesse período, Aquiles contribuiu filosoficamente com as questões de Educação, orientando teses e escrevendo trabalhos acadêmicos, e com questões de bioética, protagonizando no Departamento da Educação da Universidade Estadual de Campinas, a orientação de uma tese de doutorado sobre a alteridade na bioética, realizada por Francisco Correia (*in memoriam*) na década de 1980. Ao aposentar-se pela Universidade Estadual de Campinas, Aquiles trabalhou na Universidade de Sorocaba – UNISO – e na Universidade do Sagrado Coração de Jesus – EDUSC –, tendo desenvolvido a filosofia aplicada às questões de educação e bioética, utilizando-se da fenomenologia e da alteridade em seus trabalhos.

Em 2004, Aquiles ingressou na Pontifícia Universidade de Campinas – Universidade na qual tinha lecionado por dois anos (1984-1985) – para atuar na área de Filosofia, tanto no ensino quanto na pesquisa, principalmente no campo da ética e da bioética. Não obstante toda a sua vocação fundamental para o ensino e a pesquisa, Aquiles recebeu a confiança institucional para ser diretor da Faculdade de Filosofia (2010-2013), período em que conduziu os cursos de bacharelado e licenciatura em Filosofia. Com sua formação clássica e sua energia afetiva, aproximou-se de discentes e docentes, apresentando-se como quem se põe a pensar e contribui para que as pessoas pensem ou propriamente busquem filosofar. Nessa aproximação, encontrou-se com docentes-pesquisadores das áreas de teologia, de filosofia, de ciências sociais e história, dispondo-se dialogar academicamente com esses docentes. Desse diálogo surgiu a proposta de elaboração de um projeto de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião, cuja aprovação pela CAPES ocorreu aos 22/09/2013. Aquiles se inseriu para investigar a relação entre religião e bioética e temas correlatos tais como fé e razão, religião e ciência. Considerando toda a sua formação buberiana, também foi instigado a lançar-se na relação entre religião e espiritualidade, tendo desenvolvido trabalhos específicos sobre a espiritualidade buberiana e inserido no grupo de trabalho da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER – sobre mística e espiritualidade, liderado pela professora Ceci Mariani. Nesse Programa, Aquiles orientou alunos(as) que articularam a religião com a bioética, a ciência, a felicidade e que utilizaram as vertentes da hermenêutica, da fenomenologia e da metafísica em sua respectiva investigação científica. Em seu trabalho de orientação, também atendeu alunos de iniciação científica, levando-os ao interesse específico de aprofundar a pesquisa sobre filosofia e religião, e ajudando-os a compreender a relevância da investigação científica na formação acadêmica.

A maior contribuição de Aquiles no Programa de Pós-graduação *Stricto /Sensu* em Ciências da Religião foi transmitir a sua experiência de docência e pesquisa, levantando pontos pertinentes em relação à concepção de pós-graduação, ao conceito de pesquisa científica, à formulação de projeto de pesquisa e desenvolvimento da dissertação. Além disso, a sua presença na convivência com docentes e discentes foi de enriquecimento acadêmico e afetivo, mostrando-se inserido no Programa, participando dos eventos científicos e principalmente estimulando os colegas e amigos(as) a levarem a cabo o ensino e a pesquisa com inteligência científica e alegria.

2. A Filosofia

De acordo com o exposto acima, o percurso filosófico de Aquiles inicia-se no âmbito de sua experiência religiosa, ao ter ingressado no seminário, visando à formação sacerdotal. Nesse processo, Aquiles discerne o caminho a ser trilhado e mesmo decidindo por sair do seminário, continua a cursar filosofia, levando a cabo um processo formativo filosófico por completo: graduação e pós-graduação *stricto sensu*. Desse processo formativo, diante das várias vertentes possíveis, Aquiles se apropriou de quatro: metafísica, fenomenologia, hermenêutica e alteridade. Na primeira, Aquiles foi docente de disciplina homônima e da metafísica especial sobre o ser humano, denominada também de antropologia filosófica. Na segunda, o nosso homenageado foi um dos pioneiros em sua implementação no Brasil., especialmente na pós-graduação *stricto sensu* em Filosofia da PUC-SP. Na terceira, apropriou-se dos pensadores da filosofia hermenêutica para o seu filosofar no âmbito da escrita e das orientações de teses e dissertações. Na quarta vertente, Aquiles foi o grande estudioso e comentador de Martin Buber, um dos pais da filosofia da alteridade.

A metafísica possui uma tradição de constituir-se como um pensamento de totalidade do mundo, do ser humano e de Deus, afirmando-se como uma “cadeia de montanhas irremovíveis” (Von Hermann, 2004, p. 15), servindo-se como nossa tradição, que ao privilegiar o “ente supremo”, esquecendo-se do ser, encontrou sua crítica veemente na sentença nietzschiana da “morte de Deus” (Nietzsche, 1983). Ainda que isso pudesse significar ateísmo substancialista e fim da religião, o que ocorreu foi um “ateísmo hermenêutico”, que requer a reconfiguração filosófica do problema de Deus e da religião (Gonçalves, 2014). Por isso, uma nova metafísica



do ser, construída pelos neotomistas, que se serviu de propedêutica da teologia, propiciou decifrar a religião como experiência do encontro de Deus, concebido como mistério santo e inefável de autocomunicação com o ser humano, conceituado como “ouvinte da palavra”, por se constituir do transcendental, que é o *a priori* infinito presente no espírito finito (Rahner, 1975). Além disso, a metafísica também assumiu a vertente “realista” desenvolvida por Xavier Zubiri (1994), possuindo proximidade com a fenomenologia, trazendo como problema fundamental o problema de Deus, concebido como a própria fundamentação do ser humano e do mundo, estando *in* e fermentando a *religación*, em que Deus se situa *in humanum* e *in mundi* (Aquiles; Gonçalves, 2015).

A vertente fenomenológica (von Zuben, 2011) encontra em Edmund Husserl a sua fonte fundamental, mas também em Martin Heidegger que desenvolveu uma fenomenologia concentrada na *faktische Lebensführung*, na analítica existencial e na *Ereignis*, em que se configura uma preocupação com a história do ser. Em Husserl, são encontrados elementos fundamentais da fenomenologia, principalmente o que chamamos *hylética* e *noética*, nas quais se situam a materialidade da experiência e a sua respectiva significação ou propriamente o sentido. Mediante a denominada “redução fenomenológica”, o fenômeno pode ser analisado no âmbito do arcaico quanto no âmbito do complexo, com um alargamento fenomenológico que remete à história, à antropologia e à psicologia. Em Heidegger, a vida é concebida como experiência fática de vida, cuja vivência fenomenal é já hermenêutica, por propiciar que a própria experiência vital seja hermenêutica à medida que se se encontra o sentido da própria vida. Mas também uma experiência do *sacro* ou *divinum*, em que o ser advém ao ser humano, mediante a linguagem, a sua “casa”, propiciando que o ser humano seja o “pastor do ser” (Heidegger, 2008), há de ser realçada como experiência de elevação, do mistério que é espaço de entrega do *humanum* ao *divinum*. Resulta da fenomenologia, especialmente a heideggeriana que está identificada com a ontologia, a importância da hermenêutica, que não se reduz a mera interpretação gramatical de textos religiosos e jurídicos, mas uma filosofia denotativa de um processo de compreensão e interpretação do mundo que o ser humano constrói e habita. Em Paul Ricoeur – um dos autores preferidos de Aquiles, utilizado na disciplina de Antropologia Filosófica – a hermenêutica está tripartida em textual, simbólica e ação, de modo que o texto possui mundanidade – eis aí a importância da expressão ricoeuriana “mundo do texto” –, o símbolo “dá o que pensar” e a ação é a ética que é a própria realização da hermenêutica como filosofia da práxis e filosofia prática. Uma das contribuições relevantes no campo da filosofia hermenêutica é aquela desenvolvida por Hans-Georg Gadamer, em que a hermenêutica se desenvolve em estética, histórica e ontologia da linguagem, destacando nessa última, o *Logos* ou *Verbum* encarnado, que assume a história dos seres humanos, cuja compreensão requer que a filosofia hermenêutica desenvolva uma “fusão de horizontes”, a ser efetivada mediante o diálogo, concebido como processo comunicativo de iluminação sapiencial. O próprio sentido etimológico da palavra diálogo, remete a essa iluminação, pois é constituída de duas palavras gregas: *dien* – *logos*. A palavra *dien* está associado a *lumen* e *logos* pode ser identificado como *sapientia* (von Zuben; Medina, 2020). Então, o diálogo é a luz da sabedoria ou a iluminação sapiencial, em que os sujeitos envolvidos escutam e falam, cada qual a seu tempo, e juntos chegam ao consenso que traz à tona a verdade, que está manifestada em expressões de verdade.

A filosofia da alteridade encontra originariamente sua presença na filosofia contemporânea em Martin Buber e Emmanuel Lévinas. Esses pensadores são de tradição judaica e se põem a pensar a relação entre os seres humanos, mediante o ponto comum de que a alteridade evoca a compreensão do outro, em sua condição de *autrement* relacional, denotativa da simultaneidade entre diferença e relação. Martin Buber é autor da obra *Eu e Tu*, traduzida por nosso homenageado, com muita delicadeza e cuidado, que rendeu uma introdução de oitenta e sete páginas. A tese fundamental de Buber é que a alteridade se efetiva na relação Eu-Tu, marcada pela diferença entre ambos, provocação que evoca relação ou propriamente um chamado ao outro para a relação. A efetividade dessa relação se realiza na reciprocidade, em que o ser humano é o próprio fim e não o meio. Ao debruçar-se sobre a relação inter-humana, Buber lança o ser humano em sua relação com Deus, elaborando a reflexão sobre a relação entre o Eu e o Tu Absoluto, que não apenas se situa no âmbito das religiões, mas as transcende e enaltece um mergulho do ser humano no mistério divino (von Zuben, 1979). Para Lévinas, a alteridade denota que o outro é próprio, possui um rosto que o identifica em sua *autrement* e é provocativo para que haja a relação humana, marcada por uma proximidade que possibilita o face-a-face. Por ser provocativo, o rosto do outro evoca a ética da alteridade, em que se reconhece o outro como outro e se aceita o convite para a relação de proximidade, pela qual se efetiva a compaixão e a solidariedade (Lévinas, 2004). Nesse sentido, há um primado da ética que possibilita afirmar que a ética é o novo nome da metafísica, que supera o caráter abstrato de seus conceitos, para levar a cabo a ética da *autrement* que aponta uma nova metafísica, efetiva em relação ao ser humano (Gilbert, 2008).

3. A Educação, a Bioética e a Religião

A compreensão da filosofia nessas vertentes nos lança para a educação, a bioética e a religião, três grandes campos de nosso homenageado. Educar é fundamentalmente formar o ser humano em sua condição de *humanum*, cuja concepção se situa na esteira da tradição metafísica e se abre para novas possibilidades conceituais, considerando a “realidade real” (Zubiri, 2011, p. 66), a experiência de vida e a ética como instância de



norteamento do que é propriamente o *humanum*. Por isso, educar não é uma realidade estática e terminada, mas um processo histórico-existencial constante na vida humana, em que é possível começar, terminar e recomeçar. Disso resulta a importância do diálogo (von Zuben, 2003) no processo educacional, pois dialogar é entrar e situar-se em movimento comunicativo de alteridade relacional, em que o Eu e Tu se lançam na direção um do outro, para que juntos encontrem o caminho da existência do ser humano. Trata-se de um caminho, constituído de muitos caminhos, que encurta distância e que pela encarnação do Eu-Tu (von Zuben, 2012), surge da experiência vivida na concretude existencial de cada ser humano. Eis aqui um verdadeiro “existencial” emergente na educação.

A bioética é sistematicamente a área do pensamento em que assenta uma ética da vida, concebida em sua origem, desenvolvimento e final, que originariamente decorre de uma articulação entre filosofia e medicina, mas que ganhou corporação em três vertentes fundamentais: a clínica, a social e a ecológica. Por ter origem em questões clínicas, a bioética assumiu a teoria principialista, tendo o princípio como um *fundamentum* norteador das decisões a serem tomadas tanto pelo médico – e posteriormente os denominados profissionais da saúde – quanto pelo paciente ou por seus familiares ou por seus responsáveis. Assim sendo, três princípios foram sistematizados: autonomia, justiça e beneficência. A autonomia corresponde à liberdade e capacidade – eis aqui o homem capaz de Ricoeur (2016) evocado por Aquiles muitas vezes em suas aulas – dos sujeitos envolvidos em tomar decisões fundamentais sobre sua vida. Adquire importância o conceito de alteridade e o diálogo como elementos que possibilitam a fundamentação para que a decisão tomada seja justa. Por sua vez, a justiça é a *virtus in medium*, denotativa de equilíbrio nas decisões, ações respectivas e encaminhamentos de âmbito social. Na efetividade da justiça supera-se a decisão isenta de alteridade e a estrutura social marcada por injustiças. A beneficência é o resultado denotativo do bem que afeta todas as pessoas envolvidas nas decisões bioéticas. Por isso, urge conceituar filosoficamente o significado de bem, que deve fugir às estruturas teóricas que impõem conceitos, que já estão epistemologicamente fechados em si mesmos. Urge então a filosofia hermenêutica para decifrar compreensiva e interpretativamente o sentido de bem, mediante o diálogo – *luz sapiencial* – para alcançar a decisão que beneficie os sujeitos envolvidos no processo bioético. Por mais que os temas da bioética sejam diversos – como por exemplo aborto, eutanásia, distanásia, cuidados paliativos, ortotanásia – as dimensões clínica, social e ecológica possuem permanente vínculo. Ou será que as concepções de vida e morte não envolvem políticas públicas de saúde e relações entre pessoas, instituições e ambientes, que caracterizam propriamente a ecologia? Nessas dimensões, não podemos nos esquecer da incidência das tecnociências, que abrem a possibilidade de nova configuração clínica e social dos seres humanos, requerendo teoria e prática ética que defendam e promovam a vida humana em seu todo. Por isso, a bioética se debruça diante das tecnociências, para dar um norteamento ético de que elas poderão servir ao *humanum*, em seu processo de humanização (von Zuben, 2006). Nesse norteamento, evoca-se uma ética do cuidado com a vida em seu todo, em especialmente tendo atenção, zelo e solicitude pelo outro que interpela e clama por justiça em sua alteridade (von Zuben, 2012).

A religião aparece no trabalho filosófico de Aquiles, por haver correspondência ao seu “mundo da vida” – *Lebenswelt* – que é mundo de si – *Selbstwelt* –, relacionado ao mundo dos outros – *Mitwelt* – e ao mundo circundante – *Umwelt* – e, por conseguinte, é um mundo de experiência de vida, em que muitas pessoas estão presentes. Nesse tema, a religião – que é de onde parte o nosso homenageado – torna-se o espaço para a filosofia tornar-se luz para pensar a educação, a bioética e a própria religião. A religião remete à experiência do *sacro* contida nas experiências de vida, em sua condição de experiência do *numinoso*, manifestado como *mysterium*, que é o *absconditus* que se revela e quando se revela se mostra inexaurível e inefável. Ao se revelar, esse *mysterium absconditus et revelatus* é *mysterium tremendum et fascinans*, que faz tremer, propicia o movimento do temor e simultaneamente é fascinante, atraente e provocativo para que o ser humano mergulhe nesse *mysterium*, cujo *Tiefe* – Poço – é espaço da *Wharheit* – Verdade – ou ainda um *Grund* – Fundo – que remete ao *Abgrund* – o mais Fundo – da existência humana. Ao ser concebida como experiência do *sacro*, a religião se estrutura em ritos, narrativas míticas, objetos e funções assumidas por seres humanos, cuja expressão encontra força hermenêutica – e, por conseguinte, remete ao processo de compreensão e interpretação, visando encontrar o sentido das coisas – na palavra que se imbuí de vida. Nesse sentido, a palavra é *verbum* e o *verbum*, ensina a religião cristã, era Deus, estava com Deus, se fez carne e habitou no mundo. Desse modo, esse *Verbum* se identifica com a concepção judaica de *sapientia*, mediadora de toda a *creatio* e mestre da obra creacional divina. Eis que, então, a religião há de ser expressa pela palavra, que é viva, cortante e eficaz, pois ao se fazer carne e habitar o mundo, possui historicidade e faz história, marcada pela dramática do *humanum*, na qual se situam as tristezas e as angústias, as alegrias, as dádivas e as esperanças dos seres humanos.

De acordo com o exposto, a religião, em sua condição de experiência do *sacro* não se desvincula da vida humana e, propiciando que o ser humano se entregue ao *mysterium*, cuja entrega se traduz como lançar-se na mundanidade vital. Ao propiciar esse salto, a compreensão remete ao próprio filosofar, que exige a contemplação do absurdo (Kierkegaard, 1979), a ruptura com o sistema que, a despeito de se constituir como espaço de apreensão inteligente da realidade (Zubiri, 2011), não consegue alcançar aquilo que a religião doa e propicia ao ser humano. Resulta então, a pertinência e relevância que possui a espiritualidade religiosa, que Aquiles



desenvolveu apropriando-se de Martin Buber, especificamente na concepção de Eu-Tu Absoluto e Eterno. É uma relação em que o ser humano é interpelado e se entrega ao Inominável, que é um Tu Absoluto e Eterno, a quem o ser humano há de estar voltado, porque é na relação com esse Tu, que a vida adquire sentido e direção. Eis aqui a espiritualidade religiosa dando sentido à existência do *humanum* (von Zuben, 2017).

Considerações Finais

Ao final desta homenagem ao professor Aquiles, em que ao escrever, sentimos não apenas a necessidade de nos apoiarmos na cientificidade que um texto exige e merece, mas também no afeto que nos une ao nosso homenageado. A afetividade se direciona no âmbito da amizade que tínhamos com ele, mas sobretudo pelo respeito àquele que tanto amor – *Philia* – à sabedoria – *Sophia* – nos transmitiu e testemunhou.

E seu amor à sabedoria é carregado pela busca do sentido primordial do ser, tão próprio dos filósofos clássicos, os quais viram diante de si algo *thaumaston*, marcadamente extraordinário de surpresa arrebatadora do olhar. *Thaumazein* é o verbo grego que designa admiração, uma espécie de espanto – no sentido positivo – que também é a *contemplativo* latina. Por isso, compreendiam que – e assim Aquiles interpretou o *Teeteto* de Platão (von Zuben, 2024) – o espanto conduziria a olhar, o dever ser para o que se apresenta, de modo a definir a essência da admiração. Aqui se situa o que se denomina de *teoria*, resultante do olhar espantoso que produz a admiração para definir. Dessa forma, tem-se a filosofia em sua originalidade, que se volta ao ser humano, fazendo-o olhar ainda que para o mundo circundante e o mundo dos outros, também e sobretudo para si mesmo. É a dimensão interior do olhar, que no mundo latino, especialmente com Agostinho – que afirmava “ser um problema para si mesmo” ao buscar a *beata vita* na exterioridade – emergiu como inquietação, busca e especulação.

A esse processo, denominamos o filosofar, realizado no percurso da vida, com aventuras feitas com liberdade em meio às tensões, próprias da situação hermenêutica do *humanum*, em que meio às tragédias e epopeias, surge a admiração de ser *humanum*, pensante e caminhante que caminha para abrir novos caminhos. É nessa condição de um filósofo, sapiencialmente humilde, que filosofa a vida vivida, com o seu mundo de si em relação com o mundos dos outros – esposa, filhas, filho, parentes, amigos, colegas, outrem – e mundo circundante – a família, a universidade, a religião – que visualizamos o nosso homenageado Aquiles. Um ser humano de nome grandioso, que o honrou filosofando com teor sistemático, rigoroso e criativo, para educar, trazer a ética e espiritualizar a elevação do *humanum* ao *sacro* e *divinum*, em seu modo próprio de viver, conviver e agradecer a vida.

Referências

- Buber, M. (1979). *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Gilbert, P. (2008). Os caminhos da metafísica: da epistemologia à ética ida-e-volta. *Síntese. Revista de Filosofia* (Belo Horizonte), v. 35, p. 157-165. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/136>
- Gonçalves, P.S.L. (2014). Qual é o *locus* de Deus: no túmulo ou no homem? A religião à luz da fenomenologia ou ontologia hermenêutica heideggeriana. *Numen. Revista de estudos e pesquisa da religião* (Juiz de Fora), 17 (2), p. 223-250. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21933>
- Heidegger, M. (2005). *¿Qué significa pensar?* Madrid: Trotta.
- Heidegger, M. (2008). *Introdução à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kierkegaard, S. (1979). *Os Pensadores. Kierkegaard*. São Paulo: Abril Cultural.
- Lévinas, E. (2004). *De Dieu qui vient à l'idée*. Paris: Librairie Philosophique Vrin.
- Nietzsche, F. (1983). La Gaia Scienza, in: *Nietzsche. Opere 1882/1895* (p. 51-216). Roma: Newton Compton Editori.
- Rahner, K. (1975). Missione salvifica della Chiesa e umanizzazione del mondo, in: *Nuovi Saggi*, vol. V, Roma: Paoline.
- Ricoeur, P. (2016). *Escritos e conferências 3: Antropologia Filosófica*. São Paulo: Loyola.
- Severino, A.J. (1999). A experiência filosófica brasileira da atualidade: uma proposta de sistematização, *Anais do VI Congresso Brasileiro de Filosofia (de 06 a 11 de Setembro de 1999)*. Vol. II, Instituto Brasileiro de Filosofia, São Paulo, p. 725-734.



- Von Hermann, W. (2004). *La metafísica y el pensamiento de Heidegger*. Città del Vaticano: Urbaniana.
- Von Zuben, N. A. (2012). Vulnerabilidade e finitude. Aética do cuidado com o outro, in: *Síntese*, Belo Horizonte, v. 39, p. 433-456.
- Von Zuben, N. A. (2024). O caminhar da filosofia na experiência fontal do espanto (*thaumas*), In: A. F. Carvalho; A. Mendonça; S. Mendonça & V. Aroeira Garcia (Orgs). *Silvio Gallo: Transmutações de um pensamento* (p. 43-58). São Carlos: Pedro & João Editores
- Von Zuben, N. A. (2011). A fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. *Transformação*, Marília, v. 34, p. 85-101.
- Von Zuben, N. A. (2006). *Bioética e tecnociências: A saga de Prometeu e a esperança paradoxal*. Bauru: EDUSC.
- Von Zuben, N. A. (1979). Introdução, In: Martin Buber, *Eu e Tu* (p. V-LXXVIII). São Paulo: Cortez & Moraes.
- Von Zuben, N. A. (2003). *Martin Buber: Cumplicidade e diálogo*. Bauru: EDUSC.
- Von Zuben, N. A. (2015). Tu eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber. *Horizonte. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (Belo Horizonte), v. 13, p. 941-968.
- Von Zuben, N. A. & Gonçalves, P.S.L. (2015). Pós-humanismo e o *humanum*: tensão e caminhos possíveis, *Pistis & Práxis Pastoral*, Curitiba, p. 681-704.
- Von Zuben, N. A. & C. Medina (2020). Reflexões sobre a experiência religiosa a partir da hermenêutica filosófica de Gadamer. *Estudos da Religião*, São Bernardo, v. 34, p. 119-150.
- Zubiri, X. (1994). *Los problemas fundamentales de la metafísica Occidental*. Madrid: Alianza Editorial – Fundación Xavier Zubiri.
- Zubiri, X. (2011). *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações e Fundação Xavier Zubiri.